Preços continuam em queda

O comportamento do indicador físico de preço do milho entre 20 de novembro e 20 de dezembro foi o mais puro reflexo do momento atípico pelo qual esse mercado vem passando. Em plena entressafra, a cotação caminhou diariamente para níveis cada vez mais baixos, e o último preço cotado foi 11,7% menor do que o de 30 dias antes.

A continuação do movimento decididamente baixista dos preços do milho iniciado em outubro assustou os analistas. Alguns acreditavam que, a 30 dias do início da intensificação das compras de carnes por parte das redes varejistas, com vistas às festas de fim de ano, seria possível reverter o desânimo do mês precedente. As cotações porém prosseguiram incólumes em sua marcha descendente, num reflexo claro de que o mercado dispõe de mais milho do que necessita para o consumo.

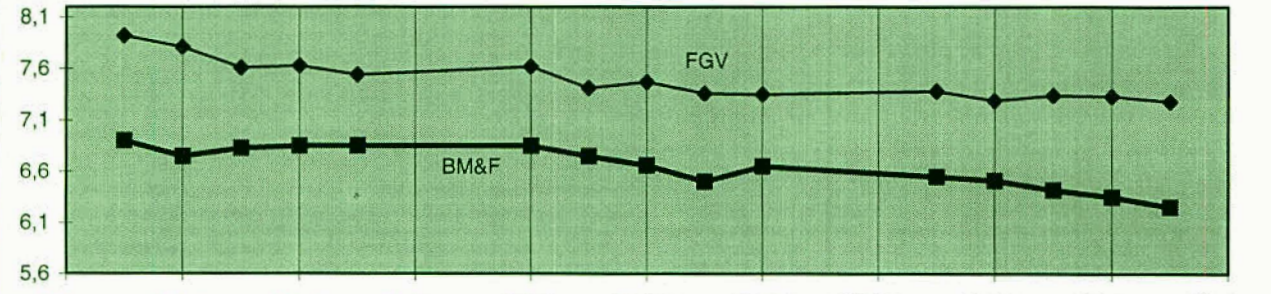
A explicação para o fenômeno reside em grande parte na demanda originária dos criatórios de pequenos e médios animais. No caso da avicultura de corte, os produtores optaram por manter a oferta sob controle, como forma de evitar a repetição da baixa lucratividade observada em 1995. O mesmo se verificou junto à avicultura de postura, cuja produção de 15,9 bilhões de unidades em 1996 praticamente repetiu a do exercício anterior. No que diz respeito à suinocultura, com o aumento da produção os criadores tiveram grande dificuldade em repassar seus custos, até porque a carne de porco é tradicionalmente a de menor competitividade no complexo. Foi necessário buscar o maior aperto possível nos custos de produção desses animais, cujo componente primordial é o milho.

Uma outra explicação provém do fato de que muitos consumidores industriais intensificaram a estocagem do grão, devido a previsões de escassez do produto durante a entressafra. À medida que sua cotação ultrapassava R$9,00/60kg, logo ao final da colheita da primeira safra, era voz corrente que seria impossível evitar uma fase fortemente altista após o escoamento da safrinha.

O terceiro elemento proveio da ação extremamente profissional do governo visando ao suprimento de qualquer demanda extraordinária através dos leilões de seus estoques. Nesse caso, destacaram-se não só o *timing* muito bem calculado para a realização dos pregões, como também a qualidade e a quantidade do produto — ambas superiores ao esperado.

Correndo por fora do panorama de oferta e demanda, no início de dezembro um novo elemento veio juntar-se ao elenco de fatores baixistas no mercado do milho. Trata-se da informação de que estaria havendo substituição do milho pelo trigo de baixa qualidade. Deve-se observar, porém, que essa substituição tem limitações técnicas no caso especial da avicultura, além de depender primordialmente dos preços relativos dos dois grãos. De acordo com a Associação Nacional dos Fabricantes de Rações (Anfar), a substituição do milho pelo trigo em grão na alimentação das aves pode chegar a 35%, mas apenas no caso de este último custar até 75% do preço do milho.

Indicador físico FGV *versus* Preços futuros para março BM&F



Durante os 20 primeiros dias do mês de dezembro, os valores para os contratos do primeiro futuro de milho — vencimento em março próximo — também tenderam à queda. Outro não poderia ser o panorama projetado, já que se trata do mês do início da colheita do grão no Centro-Sul do país, com o conseqüente forte aumento da oferta gerando desaquecimento dos preços.

Vale lembrar que a projeção realizada em novembro último pela Conab para a oferta total de milho na temporada 1996/97 é de que ela atinja a quantidade recorde de 37,1 milhões de toneladas, 4% acima do patamar registrado em 1994/95, até então o ano-safra de maior abundância.

IRENE RAGUENET TROCCOLI
EDGAR COSTA FILHO
ROGÉRIO FERREIRA DE SOUZA